

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

LEILA MARA DA SILVA VIANA

**O LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE  
CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS**

Belo Horizonte

2015

LEILA MARA DA SILVA VIANA

**O LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE  
CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Raimundo Lisbôa da Costa

Belo Horizonte

2015

LEILA MARA DA SILVA VIANA

**O LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE  
CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Curso: Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Raimundo Lisbôa da Costa

Aprovado em 09 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

José Raimundo Lisbôa da Costa – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

## RESUMO

A proposta deste plano de Ação realizado na UMEI- Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte Carlos Prates Danielle Mitterrand, teve como objetivo abordar a temática étnico-racial com crianças de 02 e 03 anos. Foi elaborado a partir de observações, nos momentos das brincadeiras livres com os brinquedos da sala, que muitas crianças, principalmente as crianças negras, não tinham as bonecas negras como a sua opção de escolha. E, nessa faixa etária, as bonecas (os) são ferramentas para muitas brincadeiras entre todos, meninos e meninas. O desenvolvimento do plano de ação mostrou o quão é importante o lúdico para que as crianças possam desenvolver e construir identidades positivas. Sendo utilizados como suporte: livros literários infantis, nos quais os negros são personagens principais e bonecas (os) negras (os) em todos os momentos do projeto em sala de aula e fora dela, o (a) boneco (a) itinerante. Teve-se como busca proporcionar às crianças subsídios para a construção de identidade e autoestima positiva desde a primeira infância. Tal reconhecimento e ressignificação étnica identitária demonstrou ser um esforço para além de uma implantação de dispositivo legal. Sendo necessário um trabalho contínuo de toda a comunidade.

**Palavras-chave:** identidade; étnico-racial; faz de conta; lúdico; autoestima.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa da regional Noroeste de Belo Horizonte.....	16
FIGURA 2: Mapa das ruas no entorno da UMEI.....	17
FIGURA 3: Início da construção UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand.....	18
FIGURA 4: Imagem da faixa da UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand.....	19
FIGURA 05 a 07: Momentos de rodinha de conversa.....	47
FIGURA 08: Estante de bonecas da brinquedoteca.....	47
FIGURA 09 e 10: Caixa confeccionada para o projeto.....	47
FIGURAS 11 e 12: Contação de História – POÁ.....	48
FIGURAS 13 e 14: Atividades relacionadas a galinha POÁ.....	49
FIGURAS 15 e 16: Momentos da semana do livro Menina Bonita do Laço de Fita.....	50
FIGURAS 17 e 18: Bruna e a galinha D’Angola do livro e DVD.....	51
FIGURAS 19 e 20: Atividades surgidas com o livro: Bruna e a galinha D’Angola.....	53
FIGURAS 21 e 22: Rodinhas de conversa e manuseio dos livros da “caixa da gente”..	53
FIGURAS 23: A África e os bichos.....	54
FIGURAS 24: ... olha a coleguinha estudando, professora!.....	53
FIGURAS 25 e 26: Instrumentos de apoio para realização da intervenção pedagógica.	54
FIGURAS 27 a 30: Alegria de levar a (o) boneca (o) para casa.....	55
FIGURAS 32 a 37: Uma mudança real.....	56

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 01 - Memórias do Processo de Formação.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1-Minha vida escolar: As primeiras memórias.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2-Ensino profissionalizante: o Magistério.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3-Pedagoga e professora na Educação Infantil da PBH.....</b>	<b>13</b>
<b>1.4-De volta a Universidade: Formação Continuada (Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero).....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 02 – Contextualização da UMEI.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1-Identificação da UMEI.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2-Fins e objetivos da Instituição.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3-Organização do espaço escolar.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4-Dinâmicas do cotidiano escolar.....</b>	<b>27</b>
<b>2.5-Professoras e a Lei 10.639/03.....</b>	<b>30</b>
<b>Capítulo 03 - Estruturação do Plano de Ação.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1-Introdução.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2-Desenvolvimento.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.1-Problematização.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.2-Justificativa.....</b>	<b>35</b>
<b>3.2.3-Objetivos.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2.4-Metodologia- As etapas e os procedimentos metodológicos.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2.5-Recursos materiais necessários.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.6-Cronograma de trabalho.....</b>	<b>42</b>
<b>3- CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS PRÁTICAS.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1-As rodinhas na educação Infantil.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2-Rodinhas de Leitura- Contação de Histórias.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3-Socialização do Projeto com as famílias.....</b>	<b>53</b>
<b>3.4-Avaliando a Prática Pedagógica.....</b>	<b>56</b>
<b>4- REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1- INTRODUÇÃO –

Este projeto apresentado é um relato do plano de ação que vem sendo realizado na Unidade Municipal de Educação Infantil da rede Municipal de Belo Horizonte - UMEI CARLOS PRATES DANIELLE MITTERRAND - junto a um grupo de crianças na faixa etária de 02 e 03 anos na turma denominada **Faz de Conta**, turno da tarde, no qual atuei como professora referência, em 2014.

O Plano de Ação, e ou intervenção pedagógica, teve como objetivo central valorizar a identidade das crianças e principalmente auto-estima das crianças negras. As crianças estão em uma faixa etária em que o lúdico e o faz-de-conta estão presentes o tempo todo. E, através dos brinquedos e brincadeiras, elas demonstram vivências e convivências, ora “brincando de casinha, de mamãe e filhinho” e nos demais momentos de socialização.

Dentro da sala de aula também existe o “baú de brinquedo” com diversos brinquedos e algumas bonecas, negras e brancas, mas nem todas as crianças têm o “olhar de escolha” para as bonecas negras. Percebi que crianças negras não têm preferência por essas bonecas de pele escura e cabelo crespo; normalmente preferem as de pele clara e de cabelos longos.

A escola busca contemplar a diversidade, também em seus brinquedos e material didático pedagógico. Com bonecos e bonecas (negras e brancas) de cabelos variados. Mas ainda é bem marcada a preferência pela cultura branca nos brinquedos e isso favorece os preconceitos e a invisibilidade da cultura negra.

Utilizei o lúdico para que os objetivos pudessem ser alcançados, e a contação de histórias como ferramenta para a intervenção e ou ação pedagógica para implementação da Lei 10.639/03. A Lei 10.639/03 nos diz, em seu artigo 26, que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Ressaltando a importância da cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política do Brasil. Que os conteúdos deverão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Tendo como suporte os bonecos e bonecas, livros literários infantis e DVDs da escola, nos quais as personagens principais eram negras. Foi confeccionado um boneco “mascote” para o projeto; com a “pele” de cor marrom, olhos e cabelos pretos, não demarcado esteticamente como menino ou menina, cada criança fez opção através da escolha do nome. A atividade de levar o boneco (a) para casa foi no intuito que as crianças tivessem uma proximidade, uma afetividade em relação ao projeto e para que os objetivos fossem alcançados de forma prazerosa.

Devemos propiciar as crianças subsídios para construção de suas identidades em uma perspectiva do respeito, da valorização das diferenças e da diversidade. Na instituição temos pontos favoráveis a implementação da lei 10.639/03 e da realização de uma intervenção pedagógica que buscasse a valorização das identidades. A gestão da UMEI apóia a realização de trabalhos com tema das relações étnicas raciais.

Alguns profissionais sabem da importância da lei 10.639/03, fazem projetos que contemplem o respeito às diferenças e a diversidade de modo geral; mas a questão religiosa já foi motivo de discussões calorosas entre os pares. Houve muitas reclamações e questionamento nas formações voltadas para a herança africana. A cultura africana, ou melhor, afro-brasileira, é apresentada de maneira “rasa”. A comunidade escolar, tal como é a sociedade, não se “auto declara” negra, mesmo quando o é.

E, nesse sentido, temos que fornecer ferramentas para que as crianças possam se identificar, de maneira positiva, desde a primeira infância, pertencentes a sua etnia. E que as famílias se reconheçam e valorizem sua herança. Não é um caminho fácil”, são anos, melhor, séculos de racismo, preconceitos velados ou não, e de sulbaternidade “naturalizada”. Temos que conhecer e reconhecer a importância do outro, aprender a respeitar as diferenças, desconstruir certas falas e comportamentos preconceituosos que estão em nosso cotidiano e passam despercebidos.

Acredito ser uma pessoa livre de preconceitos, mas tenho a consciência de que fui criada em um regime educacional que invisibilizava o negro, ou melhor, as possíveis relações de racismo. O incômodo por ouvir, ver e perceber relações de preconceito e ou racismo não são suficientes, trabalhar na área de educação requer mais que isso. O intervir e mediar situações de conflito ou de uma atitude preconceituosa não é fácil e simples, por isso a formação

“continuada” possibilita obter informações e conhecimentos como “instrumentos” para atuar de forma significativa na profissão.

O curso de pós-graduação na área da diversidade possibilita um olhar mais atento, e mais crítico, diante de possíveis relações de discriminação. Hoje depois de participar de seminários, fóruns e debates é possível perceber as formas de preconceitos existentes da sociedade e enquanto profissional ter uma visão menos “preconceituosa” do que não conheço. Ao dar início ao curso imaginei que encontraria algumas respostas e hoje as tenho, mas também novas perguntas.

Desenvolvemos o plano em etapas: no primeiro momento selecionamos os bonecos (as) da sala, conversamos a respeito das características de cada um; e aos poucos fomos trazendo para as brincadeiras a possibilidade da diversidade, meninos e meninas brincando com todas as bonecas, quem parecia mais com qual boneco, qual boneco seria parecido com a professora, enfim foram “gostando” de brincar com todas. Selecionamos em revistas imagens de pessoas de várias etnias, diferentes “tipos estéticos”. Montamos uma caixa onde guardaríamos as surpresas para o momento das rodinhas (conversa e história.e os livros que seriam utilizados para o momento de contação de história (*Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, *Bruna e a Galinha d’Angola*, de Gercilga Almeida e *Meninas Negras*, de Madu Costa) e alguns outros livros para que as crianças pudessem manipular e observar as imagens. Selecionei livros que continham negros como personagens principais. As crianças tiveram a oportunidade de ver imagens que construíssem uma imagem positiva da nossa *afrodescendência*.

E, a cada contação de história, foi explorada a importância de cada personagem; as cores, os lugares, os animais e demais dados culturais de cada livro. O dia mais aguardado da semana ficou sendo a sexta-feira; dia em que uma criança, escolhida por sorteio, levaria o boneco, “*mascote*”, do projeto para a casa. Junto ao boneco (a) enviamos uma pasta com as orientações e para o registro da atividade.

Neste documento, solicitamos a autorização do uso da imagem das crianças, para fins educacionais. E, no registro da atividade, solicitamos aos pais que escrevessem como a criança nomeou o boneco, qual a cor da pele, do cabelo, e dos olhos do boneco. E que o registro fosse tal como a fala da criança. Um projeto que possibilite que as crianças construam e fortaleçam suas identidades, principalmente as crianças negras.

## **2- DESENVOLVIMENTO**

### **CAPÍTULO 1- MEMÓRIAS DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO**

#### **1.1- Minha Vida Escolar: As Primeiras Memórias**

Nasci no dia vinte e quatro de junho, no ano de mil novecentos e setenta e cinco, em Belo Horizonte. Recebi o nome de Leila Mara da Silva Viana. A terceira filha em uma família que mais tarde seria de seis filhos. Até os sete anos de idade, todo o meu aprendizado foi no cotidiano familiar. Por não trabalhar fora de casa, minha mãe nunca concordou em colocar um filho antes desta idade na escola. Conversando em casa percebo, além desse, outros motivos. Naquela época, início de 1980, já era difícil conseguir vaga na pré-escola.

Hoje, mais de três décadas depois, ainda permanecem as dificuldades de acesso a educação, da básica a superior, para as classes menos favorecidas da sociedade. A educação infantil no Brasil tem movimentado vários debates a respeito da sua importância, da necessidade de políticas públicas educacionais e práticas pedagógicas efetivas e concretizadas no cotidiano. A legislação existe. Temos na Constituição Federal, de 1988, que criou a obrigatoriedade de atendimento em creche e pré escola, de zero a seis anos de idade, em seu artigo 208, inciso IV. Entretanto ainda não virou realidade. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, a Educação Infantil passou a integrar a Educação Básica, com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, conforme o artigo 29. Que reafirmou o direito à garantia de vagas na Educação Infantil para as crianças de até 05 anos, sendo de responsabilidades dos municípios oferecer em creches para as crianças de 0 a 03 anos, e em pré escolas para as crianças de 04 e 05 anos. Porém, existe um longo caminho a ser trilhado para a sua efetivação.

Ao iniciar a minha vida estudantil, aos 07 anos de idade, em uma escola pública de Belo Horizonte, foi um momento de sentimentos opostos. A alegria de viver algo novo e o medo de tanta mudança. Naquela época a obrigatoriedade do ensino era a partir do 07 anos, ingressei na primeira série. Encontrei professores acolhedores, que souberam conduzir com carinho as dificuldades de adaptação. Dos primeiros anos na escola o que mais recordo é dos momentos

das historinhas; contadas para apresentar as letras do alfabeto, para processo de alfabetização. Aprendi as vogais, depois o alfabeto e acredito que através do método fônico; pela cartilha: *Acorda Dorminhoca*. Os métodos sintéticos misturados; alfabéticos ou soletrativos, silábicos e fonéticos. Aprendi o nome das letras nas formas maiúscula, minúscula, manuscrita. Na seqüência do alfabeto, primeiro vogais e depois consoantes, e a combinar as letras entre si, formando sílabas e palavras. O que lembro com muita clareza era fazendo o F de foca, desenhávamos a letra na barriga, fazendo o som com a boca *efe*.

Em casa brincava de “aulinhas”, riscando o chão e com pedaços de giz que a professora deixava pegar no final da aula. Brinquei de aulinha sozinha ou com turma da rua. Éramos um grupo cinco, às vezes mais, que estavam sempre juntos. E brincávamos de aulinha e de diversas outras brincadeiras de “meninos e meninas”: casinha, futebol, soltar pipas/papagaio, dentre outras. E ouvia muitas pessoas com falas preconceituosas porque na minha turma havia crianças negras.

Na terceira série, a professora de estudos sociais fez um trabalho interessante com a turma; tivemos que pesquisar com os familiares a história do nosso nome. Meus pais disseram que escolheram o meu, Leila, pois na época tinha uma jornalista de rádio, com esse nome, que eles gostavam de ouvir. Como na pesquisa meus pais falaram com muito carinho da escolha a partir de então acho que gosto mais do meu nome.

Em 1986, estava na quarta série e foi um ano de expectativas. Além de concluir uma etapa e ter que mudar de escola, ‘iríamos ver a passagem’ do cometa de Halley. Falamos desse momento na escola, ouvia na televisão e, no entanto, não consegui acompanhar, o sono não deixou. Na verdade ninguém viu, pelo menos da forma que esperavam. Adorava minhas professoras. Há pouco tempo reencontrei a professora de Português, e agora como colega de trabalho na rede da PBH (Prefeitura de Belo Horizonte).

A quinta série foi em outra escola do bairro; também da rede municipal de BH. Um ritmo agora tinha um professor para cada disciplina. Pensando um pouco nesta época, de quinta a oitava série, o que mais recordo é do professor de geografia. Ele sempre tentava nos alertar da importância do momento em que estávamos vivendo. Dizia que aqueles acontecimentos eram ‘históricos’, e realmente eram. Não tínhamos a noção exata daquelas mudanças, e ocorreram várias: alteração da Divisão Política na Europa, Queda do Muro de Berlim e a Guerra do

Golfo. Com os avanços tecnológicos as informações eram quase que automáticas. Assistíamos a tudo pela televisão. E No Brasil as mudanças de moedas e a ‘campanha’ Fernando Collor de Mello.

Hoje sei que foi um período especial em minha vida. Mudanças normais da fase, transição entre infância e a início da fase adulta, juntamente com as mudanças no mundo. Nesta etapa convivi com maioria dos meus amigos de hoje. Continuávamos brincando na rua, melhor, agora eram outros tipos de brincadeiras e de conversas. Muitas informações de um dia para o outro, início da era tecnológica e globalização.

## **1.2- Ensino Profissionalizante: O Magistério**

Enfim, formada no primeiro grau! Uma vitória, uma boa formação segundo meus pais.

A escola de segundo grau seria somente em outros bairros; para estudar teria que trabalhar. Consegui uma vaga de ajudante de professora em uma escolinha no bairro. Na escola do ensino médio tinha as opções de fazer magistério e contabilidade. Optei pelo Magistério. Aprendi cedo a conciliar o trabalho e o estudo, não foi e não é fácil, mas pude vivenciar a teoria e a prática. E entender essa interação. Um momento importante na formação de qualquer profissão.

No ano de 1994 fui convidada a participar do curso “Um salto para o futuro”, programa diário, dirigido à formação continuada de professores e de gestores da Educação Básica, integrada a grade da TV Escola (canal do Ministério da Educação). Participar desse curso foi enriquecedor; foram momentos de trocas de experiências e conhecimentos. Várias propostas pedagógicas da atualidade foram discutidas naquela época. Proposta considerada inovadora por muitos e polêmica por outro, a Escola Plural, no período 1993/1996. Adoção de um projeto político pedagógico que nortearia as escolas públicas de Belo Horizonte.

Naquele momento, discutia-se em todo o país a tentativa de romper com a antiga lógica de organização da escola, capaz de produzir uma escola pública de qualidade. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tramitava no Congresso Nacional. Algo que rompesse com a cultura tradicional; que diminuísse a evasão escolar e a que levasse em conta as a múltiplas dimensões da formação do sujeito; e que as crianças das camadas sociais

populares pudessem ter condições de serem bem sucedidas. A questão do acesso e permanência dentre outros pontos.

Vivenciamos o máximo da interatividade naquele ano. O que tínhamos era uma participação em tempo real nas telessalas, por televisão, telefone e fax, com as cidades participantes. A tecnologia avançou muito, a partir daquela década os meios de comunicação já não seriam mais como antes. E nem imaginávamos que teria esse amplo acesso da população.

Os primeiros anos em que trabalhei na educação infantil foram em uma instituição particular. Iniciei como auxiliar de professor e depois como regente de turma, num total de nove anos de trabalho. Em vários momentos questionei como poderia melhorar minha prática. Apesar de a instituição ser particular, os alunos eram de famílias bem simples e humildes. A maioria das famílias fazia sacrifícios para mantê-los na instituição particular como uma maneira de “garantir” um bom futuro escolar. Muitos desses pais mal sabiam escrever o seu próprio nome. A pré-escola tinha função preparatória para sucesso escolar. Os alunos saíram lendo e escrevendo, conforme os pais solicitavam, alfabetizados; codificando e decodificando, porém, sinceramente, não sei como foi possível. Nos primeiros anos seguia o que a proprietária da instituição tinha como “padrão”, método fônico. E a cada ano revíamos o livro didático a ser utilizado. O construtivismo estava “na moda”; como o melhor processo para a alfabetização. Era um momento de novos conceitos na pré escola. Alfabetizar é muito mais complexo do que fazia naquela época. E questionava a minha prática constantemente. Algumas outras dúvidas me afligiam; a questão do preconceito racial por exemplo. Como lidar com uma criança que não aceita dar as mãos a outra, pelo fato dela ser negra, na hora da rodinha? Nas festas sempre surgia algum conflito na formação dos pares. Como obrigar uma criança a aceitar formar par com alguém que não ela não quer? Seria mesmo por uma possível falta de afinidade ou racismo? Como ajudar uma criança que não se reconhece como negra? Quando, como trabalhar com as crianças, desde bem pequenas aprendam a respeito da pluralidade étnica?

E as disciplinas cursadas no magistério não davam conta de responder tais questões. Compreendi que não bastava ter boa vontade. É preciso também ter competência: teórica e prática. Buscava trabalhar projetos individuais e por vezes coletivos, com temas que abordassem o respeito ao outro. Mas normalmente os projetos não eram “valorizados” pela comunidade escolar; os pais queriam que as crianças estivessem lendo e escrevendo.

O Magistério não auxiliou nessas questões. Por insegurança profissional mudei de área de trabalho. E tentei retomar os estudos; Procurei conhecer melhor o **PROUNI** (Programa Universidade para todos) participei de todo o processo e consegui ingressar na Universidade.

### **1.3- Pedagoga e Professora na Educação Infantil da PBH**

Em 2008 através do Prouni, retomei agora o caminho interrompido, agora no curso de Pedagogia. E no mesmo ano fui convocada pela PBH para assumir o cargo de educadora, hoje, denominado professor para a Educação Infantil. Foi uma grande e boa surpresa.

Ao chegar à UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) percebi as diferenças das práticas de quem saí de uma instituição particular para uma pública. Principalmente por ser uma escola de horário integral. A rotina é muito diferente de uma escola com turno parcial. Não havia trabalhado com crianças menores de 04 anos; onde o cuidar é muito intenso. Aos poucos consegui interligar o cuidar e o educar, que são indissociáveis.

Com o curso de Magistério tinha uma visão muito idealizada da profissão, o curso de Pedagogia acrescentou, incentivou e fortaleceu minha formação numa prática sempre reflexiva. Porém acredito que ficou faltando mais informações, discussões e debates a respeito das diversidades na educação, principalmente nas relações étnico-raciais e de gênero.

No terceiro período da faculdade fiz um trabalho a respeito do preconceito existente no material didático. Analisamos as ilustrações nos livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental; os livros são responsáveis pelo contato inicial da criança com o conteúdo a respeito da diversidade. As imagens evidenciavam a falta de preocupação com a pluralidade cultural existente em nosso país. Mesmo em edições posteriores a lei n° 10.639, de 09 de janeiro de 2003 vimos formas de preconceito e estereótipos presentes de forma implícita, até mesmo explícita, em relação ao negro. Sempre numa posição subalterna as demais pessoas da sociedade. Numa sala de aula as crianças muitas vezes não questionam a falta de ilustrações crianças negras na mesma situação das crianças brancas, justamente por encararem a mensagem como natural. Recebendo e interiorizando as informações, o que garante a reprodução cultural e social de uma classe dominante.

Desde a primeira vez que trabalhei na escola infantil, instituição particular, de 1992 a 2000, e agora na escola pública, por muitas vezes não soube como agir. Muitas crianças são preteridas nas brincadeiras, nos momentos de roda e nas escolhas entre pares de forma geral. Podendo acarretar uma identidade negativa. Assuntos que geram conflitos que nem sempre agimos da forma mais correta.

A escola é um local em constante movimentação e transformação. As crianças desde cedo convivem com várias diferenças; na infância é importante conhecer e entender essas diferenças. E a criança negra começa desde cedo a ter contato com situações de racismo, às vezes até mesmo na família, depois na sociedade e quando entra na escola. Quando essa questão é levada para sala de aula, o que podemos observar é que o preconceito racial está presente no contato entre as crianças, nas brincadeiras e atitudes do dia a dia, gerando tensões. Cada criança já traz um repertório de valores e hábitos vinculados a sua família, situações de preconceito e racismo. E aprender com a diferença sem discriminação e atitudes discriminatórias é um processo de construção a partir de uma “desconstrução” do que já está embutida em cada criança.

O que se tem buscado é que seja valorizada a diferença, mesmo porque não é só na questão étnico racial, mas de gênero e de inclusão as deficiências. A temática da diversidade deveria estar contida em todos os projetos. Na UMEI ainda temos que atentar à construção de um calendário da diversidade étnico racial; e não só o mês de novembro, com semana ou dia da “consciência negra”.

Em 2012, no mês de setembro, enquanto fazia o projeto primavera surgiu o interesse das crianças pela “joaninha”, e a partir daí trabalhei o tema diversidade. Fizemos várias atividades de leitura, rodas de conversas, pinturas, dentre outros, explorando as diferenças entre as joaninhas; com pintinhas, sem pintinhas, de várias cores. Uma gama enorme de possibilidades. E as crianças aprenderam a respeitar e cuidar não só das joaninhas, mas dos outros bichinhos pequenos da natureza. E também citei a questão de gênero, joaninha pode ser para o macho ou fêmea. “Um assunto puxa o outro”, devemos articular os conteúdos de forma que eles mesmos vão mostrando o que querem conhecer e aprender. Enfim, o projeto seguiu o interesse e necessidades apresentados pelos próprios alunos. Porém não específico da questão étnica e ou racial.

Na escola existe uma liberdade para se trabalhar os projetos. Como é uma escola de horário integral o interessante seria houvesse mais projetos e atividades integradas, mas nem sempre é possível. Principalmente quando o tema étnico-racial perpassa no que se refere à questão religiosa, sempre há tensões. Podemos e devemos falar da questão étnico-racial, diversidade e de religião, mesmo porque não estamos doutrinando ninguém, não é essa a intenção.

#### **1.4 – De volta a Universidade: Formação Continuada (Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero)**

A possibilidade de voltar a estudar e tendo na formação continuada um tema tão urgente fez com que disputasse a vaga com muita expectativa. Ouvi muitas colegas questionando o porquê da escolha desta área: Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero e não para a área de educação infantil, e minha resposta foi clara: temos que aprender, ou melhor, “desconstruir o mito da democracia racial”. Fomos criados e ou formados em uma mentalidade errônea a respeito das nossas raízes; aprendemos a invisibilizar o negro, e a importância deles na formação do nosso país. Crescemos escutando piadas, frases e ou expressões preconceituosas e racistas, que até bem pouco tempo, era aceitas e repetidas. Expressões tidas como comuns que demonstram a presença do racismo na cultura brasileira.

Devemos propiciar uma ambiente educacional que conheça, reconheça, respeite e valorize os diferentes sujeitos da comunidade escolar. O curso de especialização em Educação: Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero proporciona discussões de grande valor profissional e pessoal. Escutamos relatos de vivências e experiências dentro e fora da sala de aula. Momentos de reflexão da prática pedagógica.

## CAPÍTULO 2- CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI

### 2.1- Identificação da UMEI

A UMEI **CARLOS PRATES DANIELLE MITTERRAND** está situada na Av. Nossa Senhora de Fátima, 2283 – bairro Carlos Prates-. Seu espaço é dividido com o SUPERAR-Centro de Esportes para os Portadores de Necessidades Especiais e está vinculada a escola núcleo (E.M.C.G) Escola Municipal Carlos Goís, situada na rua Mendes de Oliveira 446, bairro Santo André.

A atual gestão é composta por Denise Alessandra como diretora; Vilma como vice-diretora da escola núcleo e Maria Antonieta como vice diretora da UMEI; e a coordenação pedagógica é feita por Luziene Nascimento.

A UMEI esta localizada na regional Noroeste, que é detentora do maior número de habitantes da cidade. Sua população é de 331.362 habitantes (Censo 2010/ IBGE) corresponde ao número de habitantes da quinta cidade de Minas.

FIGURA: 1- Mapa da regional Noroeste de Belo Horizonte



Fonte: site da Prefeitura de Belo Horizonte



Na história da ASMARE podem ser identificados traços da sociedade belo-horizontina que, de alguma maneira, fazem parte do trabalho pedagógico desenvolvido na UMEI. A associação nasceu a partir do trabalho de uma mulher, que como muitas outras da cidade, precisam trabalhar para o seu sustento e da sua família. Para concretizar seu desejo, juntamente com outras mulheres e homens, trabalhou para construir um espaço que ao mesmo tempo fosse depósito do lixo selecionado e ambiente de trabalho digno e valorizado, possibilitando que muitos deixassem a marginalidade. Diante da necessidade de melhorar suas condições de trabalho e garantir os seus direitos sociais e de seus filhos, algumas mulheres que, não tendo onde deixar seus filhos tinham que levá-los para os galpões de triagem de lixo; assim iniciaram um movimento para a criação de uma creche comunitária.

E a ASMARE com a sua atividade profissional importante no aspecto da sustentabilidade do planeta, traz uma realidade que deve estar presente na educação.

O projeto foi viabilizado a partir da doação da antiga sede do Clube Tremendal, feita pela Prefeitura de Belo Horizonte, com o apoio da Fundação France Liberte - Fundação Danielle Mitterrand, conseguindo recursos para a implantação da creche. Em visita a Belo Horizonte, em 1998, a ex-primeira dama da França, Danielle Mitterrand, esteve nos galpões da ASMARE e sensibilizou-se com a situação vivida pelos catadores de papel e seus filhos. Outra doação foi feita pela empresa Mendes Junior.

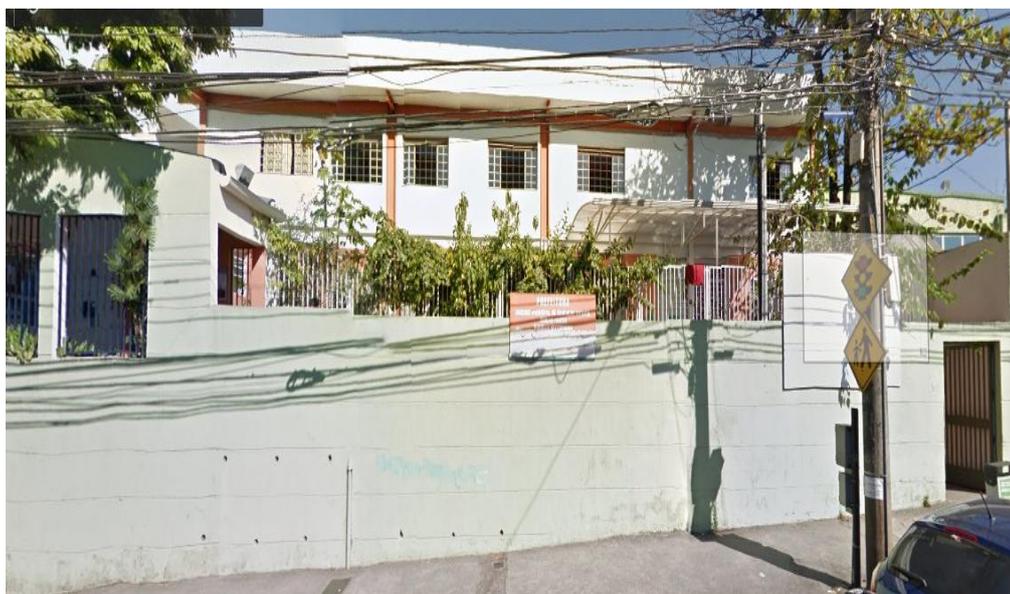
FIGURA 3: Início da construção UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand-



Fonte: revista de comemoração dos 10 anos da ASMARE (Fotografia de Cristoph Reher e Elias H. Rodrigues)

Em agosto de 2004, a então creche foi municipalizada e a prefeitura assumiu os gastos com a sua manutenção, inaugurando assim a UMEI Carlos Prates - Danielle Mitterrand. Que passou então a fazer parte do conjunto de escolas da rede Municipal de Educação Infantil como uma política educacional de direito e não mais como uma política assistencialista.

FIGURA 4: -Imagem da fachada da UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand-



Fonte: Google maps

É a única das Unidades Municipais de Educação Infantil que funciona de 7h às 22h para atender às especificidades do trabalho dos pais que trabalham como catadores.

Diante do fato de que havia vagas não ocupadas por filhos de associados à ASMARE, as vagas foram disponibilizadas para a comunidade em geral. As vagas restantes são ocupadas de acordo com os critérios adotados para distribuição de vagas na Rede Municipal de Belo Horizonte.

Muitas famílias do entorno da UMEI, Bairro Carlos Prates e adjacentes, participam do sorteio das vagas restantes. Famílias possuem com renda entre 02 e 03 salários mínimos; e com atuam em profissões diversas. Atualmente a instituição possui 82 crianças matriculadas e desse número somente 06 responsáveis declaram que são pertencentes a raça negra; sendo que temos um numero bem maior de crianças negras. E quando perguntados a respeito da religião muitos se dizem católicos ou deixaram em branco esse item.

## 2.2- Fins e Objetivos da Instituição

Os fins e objetivos da UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand estão de acordo com diversas orientações existentes.

O Parecer CNE/CEB nº 20/09 e a Resolução CNE/CEB nº 05/09 definem as DCNEIs (Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil); nesses documentos encontra-se uma clara explicitação de identidade da Educação Infantil. Eles apresentam, entre outras coisas, a estrutura legal e institucional da Educação Infantil. A RME/BH (Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte) adota essa estrutura legal na definição da política para o atendimento deste segmento tendo como pressuposto a inclusão de crianças socialmente excluídas dessa oportunidade ao longo da história da Educação Infantil brasileira.

Contudo, diante de especificidades próprias, a UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand apresenta algumas particularidades. Uma delas diz respeito à oferta de vagas. Os critérios para distribuição de vagas definidos para a RME/BH são: matrícula compulsória para crianças com deficiência e criança sob medida de proteção; do restante das vagas, 70% para o público mais vulnerável inscrito, 30% sorteio geral. A UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand obedece aos critérios estabelecidos, mas com duas particularidades. Devido ao histórico desta unidade, em 2004 foi firmado um acordo entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e ASMARE sobre a *prioridade* no atendimento dos filhos e filhas dos/as catadores/as de papel. Caso os filhos e filhas dos/as catadores/as não ocupem o número de vagas existentes, o critério passa a ser o determinado pela prefeitura, ou seja, 70% para as crianças mais vulneráveis e 30% para sorteio. Cabe ressaltar que a avaliação socioeconômica, um dos critérios para enquadramento de crianças em situação de vulnerabilidade, é feita pela equipe da Regional de Educação NIR (Núcleos Intersetoriais Regionais).

Outra particularidade é que a UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand tem seu horário e de funcionamento estendido até as 22 horas. A razão para isto é que o trabalho de coleta de material reciclável acontece principalmente após às 18 horas, por vários motivos: trânsito, término do funcionamento dos pontos de coletas, saúde, etc. Como parte significativa das crianças atendidas é filho(a) de catadores, a Prefeitura de BH e o Conselho Municipal de Educação autorizaram o horário de funcionamento desta instituição de 07 às 22 horas. Portanto, já no ingresso das crianças, fica evidenciado o desafio de atender à diversidade e de reconhecer, a todos e todas, de fato como sujeitos de direitos.

A Constituição Federal de 1988 incluiu creches e pré-escolas no sistema de ensino formando a primeira etapa da Educação Básica. Uma mudança importante, pois confere ao trabalho realizado nessas instituições o *status* de educação, e não mais de assistência social.

Na UMEI, pensamos que o fato representa uma valiosa oportunidade para pensar como e em que direção atuar junto às crianças. Um dos referenciais são as proposições curriculares da Educação Infantil, que destaca como é desafiador atender, de maneira intencional e comprometida, a todos os bebês e crianças pequenas. Outro é a Lei nº 9394/96 em seu artigo 22, que prevê as finalidades da educação infantil: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

Para que essas garantias sejam efetivas, consideramos importante estar sempre atentas a quatro grandes aspectos do cotidiano da UMEI: os métodos de trabalho adotados pelas professoras, a gestão escolar da unidade, a concepção de infância e a relação com as famílias.

A UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand busca sempre articular as experiências e saberes das crianças aos conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertam o interesse dos alunos.

Muitos pais e responsáveis vêm, ao longo dos anos, mudando a concepção que existia de “creche”, um local no qual eles tinham para deixar seus filhos (as) enquanto trabalham. Hoje, contudo, possuem uma visão mais clara que a UMEI é uma local seguro para que as crianças fiquem enquanto eles trabalham e para além, sabem da importância da educação infantil. Entendem, dentre outros fatores, a escola um espaço de socialização do filho (a); consideram a importância da convivência dele (a) com crianças da mesma idade. Outros percebem a importância da escola na formação de hábitos simples, como o alimentar. Já tivemos falas como: “às vezes aqui ele come coisas que não come em casa” e também os de higiene. Avaliam que a escola é uma oportunidade para que o (a) filho (a) tenha contato com atividades diferenciadas relacionadas ao conhecimento formal tais como literatura, música, artes e passeios a lugares variados. Esperam, ainda, que o (a) filho (a) tenha espaço para brincar, inclusive com as letras. E através da brincadeira aprenda muitas coisas, inclusive a escrever de uma forma prazerosa e lúdica.

Em vários momentos, em reuniões, na construção do PPP (Projeto Político Pedagógico), os pais afirmam que as crianças se sentem felizes e gostam de vir para a escola. Pontuaram que percebem uma abertura da escola para escutar os pais e mães. Consideram o ambiente positivo e como possibilidade para que o filho (a) aprenda a dividir e a escutar o outro; esteja em contato com a necessidade de respeito a regras e o tempo de fazer cada atividade dentro do grupo; perceba que há hora para ganhar e perder.

Neste sentido, esperam que as regras sejam definidas em conjunto com as crianças, favorecendo um ambiente de cooperação e carinho. Além disso, esperam que as professoras não neguem informações para as crianças quando estas despertarem interesse por algum tema.

No que se refere a seu desempenho nas atividades pedagógicas, bem como à formação de hábitos e valores, consideram importante que as crianças recebam retorno das professoras com “elogios nos momentos em que avançar e repreensão nos momentos em que houver necessidade”. Partindo do pressuposto de que a criança aprende por imitação, que na UMEI o (a) filho (a) conviva com os hábitos de pedir e agradecer além de aprender a ser capaz de perceber e valorizar as diferenças e características de cada colega.

Sobre a inclusão de crianças especiais, alguns lembraram a importância de a UMEI possa acolher e valorizar estas diferenças, procurando se estruturar e preparar para bem atendê-las.

Com algumas famílias temos que reforçar cotidianamente a importância da parceria família e escola, no sentido de melhorar a comunicação como, por exemplo, o uso da agenda escolar.

### **2.3- Organizações do Espaço Escolar**

Como a UMEI tem a especificidade do horário noturno, busca-se, “mais do que em outras instituições”, um fazer do cotidiano o espaço privilegiado de convivência, de construção de identidades coletivas e de ampliação de saberes e conhecimento de diferentes naturezas. Para tal, pressupõe uma organização em diversos aspectos: os tempos de realização das atividades individuais e coletivos (café, almoço, lanche, jantar, etc.); muitas crianças permanecem até ou mais de 12 horas diárias e “passam” ao longo do dia por vários professores e funcionários da escola; - os espaços em que essas atividades transcorrem buscando articular o espaço interno e externo (o espaço não é amplo, logo temos que ressignificar os ambientes), de modo a

favorecer as interações infantis na exploração que fazem do mundo. Assim, buscamos formas de trabalho que favoreçam a realização do objetivo pretendido: “... o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social...” (LDB/96).

Em outras palavras, é importante estar sempre alerta para perceber a realidade da comunidade, as características do público atendido, as potencialidades e limitações da equipe de trabalho, o espaço físico disponível, sempre buscando propor atividades e rotinas especialmente dedicadas às crianças; garantir ações de educação articuladas de maneira indissociável às ações de cuidado; reconhecer os bebês e crianças pequenas como sujeitos competentes, detentores de conhecimentos que necessitam ser reconhecidos.

Cabe lembrar também das crianças com deficiência, elas serão atendidas em suas questões individuais e grupais, onde as diferenças possam ser atendidas em suas necessidades específicas de aprendizagem e cuidado.

Temos clareza de que aspectos relacionados à cultura e vivência familiar das crianças precisam ser considerados e trabalhados para ajudar a compreender e interferir na multiplicidade de maneiras de experimentar a vida.

Diariamente nos relacionamos com crianças pequenas, com comportamentos, ritmos, estilos e disposições de aprendizagens muito diferenciadas. Isto requer pensar em estratégias de formação capazes de considerar esta diversidade.

Vislumbrar um trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos. Implica também abrir possibilidades de acesso aos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, relativos tanto ao saber científico quanto à produção cultural através da literatura, artes plásticas, teatro, música entre outros.

Compreender que razão e emoção caminham juntas para o desenvolvimento dos pequenos é ponto também primordial para organizar conteúdos e conhecimentos a serem trabalhados. Destacamos, então, três ações direcionadoras que possibilitam o trabalho educativo.

A primeira é a opção pelo brincar. O brincar é a atividade principal do dia a dia da escola. É importante porque dá o poder a criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como a ferramenta para se expressar, aprender e se

desenvolver. Enquanto brinca, a criança exercita a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, exploram e refletem sobre a realidade a cultura na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais.

O espaço destinado a esta prática que é a “brinquedoteca”. Este espaço proporciona a interação de com seus pares, como os objetos, com o ambiente, com a professora.

As experiências expressivas, corporais e sensoriais das crianças pelo brincar são percebidas em diversas situações: quando elas se vêem diante do espelho porque a criança vê sua imagem refletida no espelho e, pela sua ação, identifica-se como distinta de outras crianças e objetos; quando coloca o brinquedo na boca sente a sensação de mole ou duro, caminhando para a compreensão de conceitos. E quando tem a oportunidade de escolher o que fazer e como fazer, com que brinquedo e com quem brincar, demonstrando seus conhecimentos.

As cantigas de roda, as músicas, as danças, os jogos coletivos dão oportunidade da aprendizagem da escuta, aprender as regras e combinados. As regras delimitam um campo de ação a ser seguido, com base no qual as crianças regulam seu comportamento. Além das regras implícitas nos jogos de faz de conta, é importante que a criança aprenda a brincar com regras explícitas.

O segundo grupo de ações educativas, não menos importante, é o cuidar. As crianças da UMEI permanecem um período muito longo na escola, e como não poderia deixar de ser, os cuidados básicos estão presentes na apropriação de aprendizagens.

No nosso entendimento, o cuidar da (na) infância começa pela criação de ambientes facilitadores para uma relação saudável entre a pessoa que cuida e a criança, permitindo que as relações de apego e o sentimento de pertencimento a um lugar social se fortaleçam no cotidiano da escola. Exemplo disto é quando a professora identifica a necessidade de troca de fraldas, ou de uso de sanitários por uma criança, contribuindo para que ela aprenda aos poucos a identificar e nomear as próprias sensações corporais e que ela entenda as regras sociais para uma convivência coletiva, isto é, quando ela aprende que o cocô e o xixi devem ser eliminados em um lugar determinado. Assim acontece também com todas as sensações de conforto que as crianças por intermédio da professora vão aprendendo: fome, frio, sede, hora de descansar ou outros cuidados com o próprio corpo (lavar as mãos antes as refeições, sentar-se para comer, alimentar-se de boca fechada, escovar os dentes, etc.)

O banho é um momento de muita expectativa, pois aprender a si cuidar durante o banho é uma oportunidade para construção conjunta de conhecimento e autonomia. Resumindo, as crianças aprendem a cuidar de si ao serem cuidadas.

Outro momento rico de ações educativas é na hora do repouso. Logo após o almoço, as crianças se preparam para o sono iniciando com a escovação dos dentes, a tirar os calçados organizando no lugar determinado e deitando cada um em seu colchão.

A terceira ação do trabalho das professoras diz respeito a aprendizagem direcionada, e é usualmente definida como educar, representada pela sala de aula. O ambiente da sala de aula está repleto de ensinamentos e objetos tais como cadernos, mesas, lápis, tesouras, etc. Ele nos ensina como proceder, como pegar no lápis como participar de uma conversa, como vivemos em um mundo letrado. Ao organizar a sala para as crianças, é importante arranjar pequenos espaços confortáveis, com espelho, tapetes, colchões, visto que as crianças ficam muitas horas neste espaço institucional. É interessante que se institua um lugar pra colocar as coisas que vem de casa identificando os seus usuários. A organização da sala varia de acordo com as atividades e pode estar dividida em “micro” ambientes, temáticos ou não. Cada sala possui um aparelho de som, um baú de brinquedos e etc.

De forma que o brincar, o cuidar e o educar são indissociáveis para o trabalho pedagógico. Entendidos como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte da humanidade.

Para atingir esses objetivos, a equipe dos profissionais da escola entende que a melhor forma de trabalhar é através de projetos. Isto porque entendemos que os projetos abrem para a possibilidade de aprender os diferentes conhecimentos, proporciona aprender através das múltiplas linguagens, ao mesmo tempo em que proporcionam a reconstrução do que já foi aprendido. Considera também que a criança é sujeito do seu conhecimento, capaz de construí-lo ativamente.

A **Pedagogia de Projetos** é uma interessante forma de organizar a prática pedagógica, por possibilitar a interdisciplinaridade; e buscamos fazê-lo. As crianças podem percorrer diferentes áreas do conhecimento em busca de respostas para suas perguntas. Cabe destacar, ainda, que as crianças já sabem algo sobre o tema em discussão e que numa roda de conversa falam sobre isto apresentando possibilidades, necessidades e questões. Partindo das experiências prévias dos alunos, é fundamental realizar um planejamento inicial e estar

sempre atentas à necessidade de redefinição de atividades e estratégias de acordo com os interesses que surgem durante o processo.

Dentro desta vertente, o projeto institucional chama-se “Por um mundo melhor” devido principalmente ao nosso público alvo, a ASMARE.

A família aparece como aliada no processo educativo. É desejável construir uma ação compartilhada, pois os familiares são pessoas com quem a criança se apropria dos conhecimentos de sua cultura. O jeito de ser das crianças está intimamente ligado aos modos como ela é criada e educada pela família. As primeiras e mais significativas relações e aprendizagens da criança pequena são realizadas com seus pais e as pessoas que cuidam dela no dia-a-dia. Portanto, atividades que considerem este aspecto podem tornar-se mais significativas para a criança porque são as atividades que partem do que ela vivencia com as pessoas de quem ela gosta e de que gostam dela.

Buscamos oportunizar momentos de trocas entre família e escola, criando espaços favoráveis ao diálogo, através de entrevistas com cada família no momento de ingresso; reuniões semestrais para apresentação da caminhada percorrida no período; participação em eventos festivos (dia da mulher, festa junina, aniversário da escola, semana da educação infantil, festa da família) além do convívio diário, quando as famílias também podem buscar orientações ou informações junto ao professores para troca de informações e esclarecimento de dúvidas. Escola e família precisam caminhar juntas, articuladas, seguindo uma direção comum para enfrentar o grande desafio: *educar*. E como já foi dito, temos uma comunidade escolar bem diversa e ou distinta. Procuramos ter em nossa escola um olhar atendo ao diferente e a diversidade. Uma diversidade presente em vários aspectos; cultural, social e econômica. As crianças estão inseridas no mundo das diferenças, e devemos prepará-los para ser legítimos cidadãos.

E pensar na implementação da lei 10.639/03, principalmente na educação infantil, é estarmos atentos aos pequenos detalhes da nossa rotina, nossa prática docente, que perpassa pela experiência de vida. Fomos educados, formados em uma sociedade que geralmente nega a existência de preconceito e racismo no Brasil. Em nossa formação profissional não temos disciplinas que possam direcionar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, de forma significativa, afinal lidar com o tema “Diversidade” é complexo, principalmente com crianças tão pequenas.

A educação, através da socialização, principalmente das crianças, tem uma papel transformador na vida das pessoas. Ela pode modificar uma dada realidade de forma positiva ou não. Algumas crianças já trazem para o espaço escolar algum tipo de conflito e ou preconceito, que pode estar vinculado ao contato familiar ou não, e que são produzidos por uma sociedade que tende a inferiorizar o diferente.

Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e à discriminação, principalmente a racial, no Brasil. E a Lei 10.639/03 vem garantir uma resignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Com a intervenção da escola e fazendo ações compartilhadas com as famílias é possível construir aprendizagens mais significativas. Escola e família constituem dois contextos de desenvolvimento fundamentais para a trajetória de vida das pessoas.

#### **2.4- Dinâmicas do Cotidiano Escolar**

A organização dos tempos no cotidiano do trabalho das professoras com as crianças em qual instituição é um item que deve ser visto e revisto de acordo com o andamento letivo, porém alguns dados são definidos como parte de uma rotina.

As rotinas proporcionam a criança sentimentos de estabilidade e segurança. Faz com que a criança tenha maior facilidade de organização.

Como a escola oferece à comunidade uma jornada em tempo integral para todas as crianças de 0 a 06 anos, incompletos, estendido até as 22 horas. A dinâmica do cotidiano escolar não pode ser “massante”. Procuramos oportunizar um ambiente prazeroso para todos; Dividimos os turnos em manhã, intermediário, tarde e noturno. No período da manhã as crianças têm logo na chegada, até as 08horas, o café da manhã, em seguida o horário de atividades pedagógicas, e tempo de parquinho; depois o almoço e horário de descanso; no turno da tarde um lanche, parquinho, horário de atividades pedagógicas e jantar. As crianças que ficam no noturno têm uma “lógica” diferenciada. Elas quem “definem” o que irão fazer, a rotina de atividades é mais lúdica e livre, visto que estão há muitas horas na escola. Algumas turmas são colocadas em um mesmo ambiente e fazem novos pares. As crianças que possuem irmãos na escola têm a possibilidade de brincar juntos.

A instituição é formada por uma equipe de vinte e quatro professoras sendo:

08 Manhã 7:00 / 11:30

06 Intermediário 08:30 / 13:00

08 Tarde 13:00 / 17:30

03 Noite 17:30 / 22:30

Possuindo uma coordenadora pedagógica que exerce suas atividades no horário de 08 as 17h. E possuem ainda 12 funcionários terceirizados mais 05 auxiliares de apoio de inclusão. O apoio de inclusão é um funcionário exclusivo para acompanhar a criança deficiente em suas necessidades de higiene e locomoção. Temos em cada sala, a partir da sala dos bebês, uma criança com necessidades especiais, sendo que na turma de cinco anos temos 02 crianças com necessidades especiais.

A escola desenvolve um projeto bastante significativo para as crianças com necessidades especiais e atualmente para as crianças de 04 e 05 anos também. O projeto *SUPERAR/UMEI – Portas Abertas para a Inclusão*, esporte para todos. Este projeto é desenvolvido em parceria com SUPERAR e têm com atribuição elaborar, coordenar, executar e supervisionar ações esportivas e de lazer destinadas às pessoas com deficiências.

Nesta perspectiva, sempre visando o paradigma da inclusão, o projeto propõe não apenas o atendimento a uma demanda da UMEI, mas essencialmente um modelo piloto de formação para a equipe de professoras. As atividades acontecerão com duração de trinta minutos, uma vez por semana, nas dependências SUPERAR. A avaliação será feita com as professoras, crianças e as famílias com a finalidade de aprimorar e expandir o projeto.

A escola é pequena, se comparada às demais UMEI's, principalmente as mais novas. Possuímos cinco salas, um refeitório, uma secretaria, quatro banheiros infantis, dois banheiros adultos, uma sala destinada às professoras, terceirizados, reuniões, etc.

Relativizando nosso espaço, no hall de entrada, foi adaptado e virou uma biblioteca chamada "Leitura Maluquinha" e um laboratório de informática. O refeitório, além de espaço das refeições, possui uma mini cozinha, brinquedos sonoros, fantoches, uma mini mercearia e outros para as crianças brincarem. Esses espaços são utilizados de acordo com uma organização previa. Cada turma tem um dia e horário para usufruir da biblioteca e dos

brinquedos dispostos no refeitório. Os horários de utilização destes espaços são decididos na primeira reunião do ano entre as professoras e a uma coordenadora.

Quanto às salas todas com nome de brincadeiras, distribuídas da seguinte forma de acordo com a enturmação definida pela SMED (Secretária Municipal de Educação) temos: Criança de até 01 ano de idade (BOLINHA DE SABÃO) até 07 crianças por professor - temos hoje 08 crianças matriculadas; Criança de 01 a 02 anos de idade (PASSA ANEL) até 12 crianças para duas professoras; Criança de 02 a 03 anos (FAZ DE CONTA) até 16 crianças por professor; Criança de 03 a 04 anos (CIRANDINHA) até 20 crianças por professor; Criança de 04/05/06 anos (AMARELINHA) até 23 crianças por professor.

Como temos um espaço pequeno relativo ao número de salas, a escola possui **agrupamento flexível**, crianças com idades aproximadas, considerando as faixas etárias conforme a Resolução CME/BH (Conselho Municipal de Educação). Outra observação diz respeito ao quantitativo recomendado na relação professor/criança que poderá ser excedido em até 02 crianças por turma, em função do atendimento ao direito prioritário da criança com deficiência ou sob medida de proteção. E temos esse “excesso” em todas as turmas.

O agrupamento flexível, a flexibilização de idades nas turmas, já foi ponto muito discutido e questionado pelos professores nas reuniões. As reuniões são no intuito de manter o diálogo constante com os profissionais para que as demandas possam ser supridas. Acontecem no início e fechamento do semestre, e uma vez por mês, as reuniões pedagógicas.

As reuniões com os pais acontecem, normalmente, no início do ano letivo, também no início do segundo semestre e fim do ano letivo. A primeira reunião é o momento em que esclarecemos os fins e objetivos da instituição, e buscamos iniciar o processo de parceria com os pais. Também é informado o calendário escolar, com a carga horária e os dias letivos estipulados pela LDB – 200 dias letivos e no mínimo de 800 horas; e dentro da organização da escola, algumas datas do nosso calendário serão para comemoração: Dia da Mulher, Dia do Meio Ambiente, Festa Junina, Aniversário da Escola, \*Semana da Educação Infantil de acordo com a Lei 12.602/12, Festa da Família, Semana da Criança, Festa do Dia das Professoras, Semana da Consciência Negra - de acordo com a Lei 10.639/03 (e complementação na Lei 11.645/08 – estudo das culturas afro-brasileira e indígena) e Festa do Final do Ano e a Festa de Despedida das Crianças maiores.

A prefeitura de Belo Horizonte, através da sua secretária de Educação, estabelece parâmetros para elaboração do calendário escolar. Após sua elaboração, o calendário é apresentado ao Colegiado da escola e referendado pela Assembleia Escolar com ampla divulgação para servidores, alunos e pais.

Ainda não temos a presença de todos os pais ou responsáveis nas reuniões, porém essa situação vem mudando. Temos conseguido aumentar o interesse, pontualidade e presença pelas reuniões de pais.

## **2.5 - Professoras e a Lei 10.639/03**

Ao iniciar a formação continuada solicitei às professoras da UMEI que respondessem a um questionário a respeito da Lei 10.639/03. E foi percebido que algumas colegas tiveram um “desconforto”, não se sentiram “à vontade”, ao responder as questões. Fato observado pela expressão facial e gestual, ao receber o questionário; demonstrando pouco interesse. Alguns questionários não foram devolvidos no prazo que havia solicitado, e ou devolvidos com questões em branco.

Por vezes, temos profissionais que negam a existência de racismo do espaço da educação infantil, esses discursos revelam o “*Mito da Democracia Racial*”, e Neves nos esclarece a expressão da seguinte forma:

O mito pode ser entendido como um acorrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil. Se seguirmos a lógica desse mito de que todas as raças e/ou etnias no País estão em pé de igualdade sociorracial, conforme comenta Gomes (2005), podemos ser levados a pensar que as desiguais posições sociais, econômicas, educacionais e etc... hierárquicas, devem-se a incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagens como os negros e indígenas. (NEVES, 2011, pág. 11)

Ao falar da Lei 10.639/03 as profissionais, de modo geral, acreditam que o tema é trabalhado e ou abordado de forma variada; mas admitiram que conhecem pouco a respeito. Entendem que a cultura africana e as relações étnico-raciais são trabalhadas, de forma superficial, pois citam que ao referir o tema religião há resistência e gera conflitos entre os professores e os familiares.

Disseram que contemplam a Lei em momentos como montagem de murais, com bonecos de etnias diferentes, com imagens que remetem a inclusão e o respeito ao outro. Acreditam que

essas atitudes já são formas de trabalhar a questão étnica e racial independente da obrigatoriedade. Foi citado que há um empenho da vice-direção para que essa relação étnica e de gênero estejam presentes na escola, no sentido que as crianças tenham uma identidade positiva de si mesmas.

Conforme a maioria das professoras relata, a instituição possui materialidade para que a Lei 10.639/03 seja trabalhada de “forma lúdica”. A UMEI possui vários livros literários, como o *kit a cor da cultura* e coleção das diversidades; que tem acesso a vários DVD’s que falam do tema; que há bonecos negros e instrumentos musicais que remetem à cultura afro-brasileira como: tambor, chocalhos e guisos, etc.

Não existe um acompanhamento a implementação da lei 10.639/03 ou um calendário amplo que reflita a importância da temática e que possa ser trabalhadas de forma sistematizada e consistente. Isso acontece somente no mês de novembro, onde os projetos têm o foco no respeito à diferença, contra o racismo e preconceito. E a escola se mobiliza para um evento na semana da consciência negra. Como cita uma professora:

“Estou há dois anos na PBH e não vejo uma proposta sistemática de formação de professores para a educação das relações étnico raciais, O que acontece são ações isoladas e com pouca profundidade. Infelizmente a lei 10.639/03 tem virado apenas uma data comemorativa a ser lembrada em 20 de novembro.” (professora X )

Sendo assim a fala da professora reforçar a importância de cursos de formação, fóruns e debates para que ocorra uma verdadeira da implementação da Lei 10.639/03.

Chamamos atenção para a importância de não realizar atividades isoladas ou descontextualizadas. É importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas localizadas em determinadas fases do ano como maio, abril, agosto e novembro. Estar inserido na proposta pedagógica da escola significa que o tema será trabalhado permanentemente e nessa perspectiva é possível criar condições para que não mais ocorram intervenções meramente pontuais, para resolver problemas que surgem no dia a dia relacionados ao racismo. Aos poucos, o respeito à diversidade será um princípio das instituições e de todas as pessoas que nela atuam. (ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, 2006, p. 166)

As orientações e ações para a Educação das relações étnico-raciais apontam elementos importantes que podem e devem fazer parte da rotina da escola. Mas, não como algo pronto, acabado, absoluto e sim que sirva de reflexão para atender uma demanda da comunidade.

Tenho buscado ampliar meus conhecimentos a respeito da diversidade. Desenvolvendo capacidades para lidar no dia a dia com atitudes de preconceito de forma “adequada”, e que futuramente esses momentos e atitudes de preconceitos não existam, ou seja, reduzidos.

O Parecer CNE/CP nº03/2004 aprovado em 10 de março de 2004 e homologado em 19 de maio de 2004 pelo Ministério da Educação apregoa que haja profissionais da educação com a qualificação para as demandas contemporâneas; que tenham a capacidade de identificar e superar as manifestações do racismo como o preconceito racial e a discriminação racial. Possibilitando assim uma nova relação entre os diferentes grupos étnico-raciais, propiciando uma mudança no comportamento; em favor de uma sociedade democrática e plural.

## **CAPÍTULO 3- ESTRUTURAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO**

### **TEMA: O LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS**

#### **PROJETO: IDENTIDADES**

##### **3.1- INTRODUÇÃO:**

Este projeto tem como objetivo construir e valorizar a identidade das crianças, principalmente das crianças negras. Busca a valorização da autoestima, do conhecer e reconhecer a identidade afro-brasileira das crianças, tanto na família quanto na escola.

Falar de identidade ou de processo identitário, não é algo simples, visto que é construído gradativamente. É algo formado ao longo do tempo; é um modo de ser no mundo e com os outros, numa rede de relações. É uma fenda que estamos sempre buscando preencher; não é fixa e sim provisória. Devemos considerar as primeiras relações estabelecidas inicialmente na família; que vão se ramificando e desdobrando. Num processo que possui dimensões pessoais e sociais, interligados.

O livro das **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais** nos diz que a noção de identidade é abordada por diversas áreas do conhecimento, e, portanto, podemos tratar de vários tipos de identidade. Em seu glossário o termo identidade é definido da seguinte forma:

No tocante a identidade racial ou étnica, o importante é perceber os seus processos de construção, que podem ser lentos ou rápidos e tendem a ser duradouros. É necessário estar atento aos elementos negativos, como estereótipos e as situações de discriminação. Além disso, é necessário ater-se a vontade de reconhecimento das identidades étnicas, raciais e de gênero dos indivíduos e dos grupos. Também é preciso compreender que, no mundo contemporâneo, os indivíduos constroem e portam várias identidades (sociais étnicas e raciais, de faixa etária, gênero e orientação sexual e outros. (ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, 2006, pg 219)

E para a criança negra construir identidade positiva é um desafio, visto que vivemos em uma sociedade que historicamente, o indivíduo negro, desde bem cedo, percebe que para ser aceito, por muitas vezes, deve negar a si mesmo, a sua identidade tal qual é.

De acordo com o antropólogo Kabenguele Munanga, estudioso e pesquisador das questões étnico-raciais, nos diz que:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178)

E segundo o **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** a identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. O mesmo documento afirma também que o brincar é um das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, desde muito cedo, se comunicam por meio de gestos, sons e com isso desenvolve a imaginação.

Logo criança, principalmente, negra ou parda, pode ter "a sua boneca" como um possível espelho, onde possa ver algo de suas características. Através da identificação étnica com a boneca, a criança pode fortalecer sua identidade, aprender a valorizar a si e aos seus semelhantes e reconhecer, para toda a vida, suas raízes, livre de preconceitos ou estereótipos. Ao apresentar, representar e ou definir as etnias podemos estar contribuindo para a construção de uma identidade, positivas ou negativas.

Sendo assim a escola infantil tem papel importante nesse processo da construção das identidades.

## **3.2- DESENVOLVIMENTO:**

### **3.2.1- Problematização:**

Ao observar as crianças, foi percebido como as crianças interagem com as (os) bonecas (os) e com que frequência escolhem as (os) bonecas (os) negras (os). E como expressam oralmente, quando estão brincando, no faz de conta, e como nomeiam esses brinquedos.

-E surgindo outras indagações como: Quais os critérios de escolha? Como reagem à solicitação do professor em relação ao cuidado com os brinquedos?

E surgindo a questão problema: - *Existe uma identificação das crianças em relação às bonecas?*

Dentre vários outros fatos do cotidiano docente, vemos nas falas, nos comentários do cabelo, por exemplo, se é feio ou bonito, curto ou longo, se é “bom ou ruim”, já denotam grau valorativo. Os artefatos utilizados principalmente na infância como: brinquedos, livros e imagens, marcam a produção e construção das identidades.

### **3.2.2- Justificativa**

A criança, em sua maioria, não tem oportunidade de possuir muitos brinquedos, são crianças carentes na condição social e emocional. Os bonecos são utilizados para criar vínculos com as crianças. De acordo com Tizuko Morchida Kishimoto diz:

Quando vemos uma criança brincando de faz-de-conta, sentimo-nos atraídos pelas representações que ela desenvolve. A impressão que nos causa é que as cenas se desenrolam de maneira a não deixar dúvida do significado que os objetos assumem dentro de um contexto. Assim, os papéis são desempenhados com clareza: a menina torna-se mãe, tia, irmã, professora, o menino torna-se pai, índio, polícia, ladrão sem script e sem diretor. Sentimo-nos como diante de um miniteatro, em que papéis e objetos são improvisados. (KISHMOTO, 2007, p.57)

Brincar de faz de conta é uma das melhores formas da criança reproduzir as relações predominantes no seu meio. Ela experimenta diferentes posições e vai mudando as personagens de acordo com as situações. É uma atividade dentro da qual a criança interpreta papéis do mundo adulto.

Enquanto brinca, a criança exercita a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, exploram e refletem sobre a realidade a cultura na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais. No brincar ocorre um processo de troca, confronto e negociação, podendo gerar momentos de equilíbrio e desequilíbrio, favorecendo conquistas individuais e coletivas; sendo fonte de prazer e conhecimento.

As brincadeiras vão se tornando cada vez mais complexas, vão ficando mais longas e elaboradas. Em um diálogo que a crianças estabelece com seus pares e mesmo com bonecos.

E a criança constrói a sua própria versão do que lhe é transmitido pelas pessoas com quem convive. Faz uma representação da sua relação com o outro.

Com a lei nº 10.639/03 temos que implementar de forma lúdica o reconhecimento, a valorização de culturas e identidades, que foram historicamente, discriminadas e invisibilizadas.

O lúdico na educação infantil tem sido uma das estratégias bem sucedidas no que se refere à estimulação do desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem de uma criança. De acordo com Piaget (1994), “O estágio pré-operacional vai dos 02 aos 07 anos” e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. As crianças nesse estágio, pré operatório, encontram-se em uma fase muito importante de suas vidas, onde o simbólico é muito significativo para cada uma delas.

Sendo assim é de grande importância que a criança na educação infantil possa brincar e oportunizar pequenas responsabilidades; para as crianças, o cuidar é algo que vai além daquilo que é real. E conseqüentemente o desenvolvimento da autoestima se dará conforme a criança incorpora a afeição que os outros têm por ela e a confiança da qual é alvo. Vão construindo seu conhecimento de modo lúdico, transformando o real com os recursos da fantasia e imaginação. E têm a chance de dar vazão a vários sentimentos.

A brincadeira é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

A brincadeira é uma atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típico da vida humana enquanto todo – da vida natural/interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, e paz com o mundo (...) A criança que brinca sempre, com determinação autoativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção de seu bem e dos outros... O brincar, em qualquer tempo, não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (KISHIMOTO, 1999, apud FROEBEL, p.23).

Friedrich Froebel foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas. Criador dos jardins de infância, e defendia um ensino sem obrigações, porque para ele o aprendizado depende dos interesses de cada um e se faz por meio da prática. Defendia a educação sem imposições às crianças porque, segundo sua teoria, elas passam por diferentes estágios de capacidade de aprendizado,

com características específicas, e detectou três estágios: primeira infância, infância e idade escolar.

Em seus escritos ele demonstra como a brincadeira e a fala, observada pelo adulto, permite apreender o nível de desenvolvimento e a forma de relacionamento infantil com o mundo exterior. Afirma também que o educador deve fazer do lúdico uma arte, um instrumento para promover e facilitar a educação da criança. Na medida em que a criança brinca demonstra cuidado e interesse na atividade.

Já Vygotsky trouxe à Psicologia e à Pedagogia uma nova perspectiva de abordar a infância e a aprendizagem ao afirmar que:

A criança quando brinca demonstra e assume um comportamento mais desenvolvido do que aquele que tem na vida real. Na atividade lúdica a criança “se torna” aquilo que ainda não é “age” com objetivos que substituem aqueles que ainda lhe são vetados, “interage” segundo padrões que se mantêm distantes do que lhe é determinado, pelo lugar que na realidade ocupa no seu espaço social.(VYGOTSKY,1991, p. 97)

A atividade pedagógica na UMEI buscará envolver a família nessa dinâmica do entendimento da identidade, tal como o respeito, o reconhecimento da própria imagem e a valorização dessa identidade. Com o intuito de construir, fortalecer, valorizar a identidade e autoestima das crianças e o reconhecimento, principalmente, da identidade afro-brasileira das crianças, tanto na escola quanto nas famílias. Há necessidade de contribuirmos de forma positiva na construção da identidade destas crianças, de maneira intencional e contextualizada.

Criamos uma caixa surpresa, para criar um clima “mágico”; Quando a caixa estiver na mesa da sala termos algo novo. A caixa é “enfeitada” com imagens de crianças de varias etnias e com um bonequinho, feito de papel de diferentes cores: branco, bege, preto e marron; para que cada criança possa escolher o mais próximo da cor de sua pele, escolher um boneco que a represente. A caixa recebeu o nome de: “*caixa da gente*”.

Desenvolvendo essa atividade as crianças terão a possibilidade de levar para a casa um boneco, que a princípio, não terá nome nem sexo. A criança construirá, juntamente com a família, a certidão de nascimento da “sua criança”, no caso o boneco. Ao retornar para sala, na segunda feira, cada criança irá contar a respeito do (a) boneco (a) e como foi essa experiência.

Os **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** chamam a atenção para a importância das atividades lúdicas, pois além de desenvolver habilidades importantes como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação, a criança também amadurece a capacidade de socialização por meio da interação e experimentação de regras e papéis sociais. Diz-nos também que toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada. Acreditamos que adotando essas brincadeiras possibilitamos à criança bases para o desenvolvimento, construção e fortalecimento da identidade e da consciência do “eu”.

### **3.2.3-OBJETIVOS**

#### **- Objetivo geral:**

Promover práticas pedagógicas, em sala de aula, tendo como suporte o lúdico; os livros literários infantis e as bonecas, para favorecer a construção de identidades e de auto-estima positiva das crianças negras, na perspectiva da Lei 10.639/03.

#### **- Objetivos Específicos:**

- a) - Proporcionar as crianças condições para que conheçam e reconheçam através da contação de história, os aspectos significativos da cultura africana no cotidiano do povo brasileiro.
- b) - Criar ambiente favorável para que as crianças, através da literatura, possam se identificar e construir o significado da pertença à etnia negra.
- c) -Desenvolver atividades no sentido de proporcionar às crianças possibilidades de promover a imaginação; assumir o estilo afro; ampliar o vocabulário e desenvolver as suas capacidades e sensibilidades.

### **3.2.4-Metodologia- As etapas e os procedimentos metodológicos:**

A turma é composta por 18 crianças, sendo 08 meninos e 10 meninas. É denominada turma do Faz de Conta (nome das turmas são brincadeiras infantis). São alunos participativos; ativos e

animados. A diferença da faixa etária entre elas (meses) é bem significativa o corte etário possibilita uma variação considerável; que torna a chamada “turma flexível”, nessa faixa etária alguns meses faz uma diferença considerável no desenvolvimento das crianças. Uma “heterogeneidade” que possibilita aprendizagens e desafios. Por exemplo, algumas crianças ainda não “conseguem” ficar muito tempo como ouvintes, a concentração é menor. Faz-se necessário, a todo o momento, provocá-los e estimulá-los com algo interessante, como por exemplo, chamar a atenção para as imagens, mudar a entonação de voz, etc. De modo geral, todo o grupo gosta de ouvir e recontar histórias.

Esta atividade seguirá várias etapas: **conversas, contação de histórias, e apresentação do boneco (a)**. Seguidos dos momentos de: receber, nomear, levar para casa e no retornar com o boneco (a) a sala de aula contar como foi o passeio/visita em casa. Essas etapas irão propiciar a criança momentos de escuta e fala. Num brincar livre, mas ao mesmo tempo direcionado. É uma fase privilegiada para a formação da personalidade e para a elaboração de conceitos que nortearão a vida adulta. Baseado nisso, esse projeto trabalhará com uma turma específica, de 02 a 03 anos. Podendo ser adaptado a outros projetos, agregando outros objetivos de projetos existentes na sala. O professor poderá escolher bonecos associando e ou direcionado a outros conteúdos trabalhado.

Iniciaremos conversando, na rodinha, sobre os brinquedos em geral. Em seguida falaremos das diversidades de brinquedos que temos na sala, principalmente das bonecas. Discutiremos o que cada um gosta de fazer e com quais brinquedos. E as bonecas serão colocadas ao centro da roda. Cada um escolherá uma boneca para brincar e cantar músicas.

Na faixa etária de 0 a 03 anos o “faz de conta”, o lúdico, tem papel importância no processo ensino aprendizagem. São múltiplas as possibilidades de intervenções que podem contribuir de forma positiva na construção da identidade das crianças. Optei por trabalhar com bonecos (as) e contação de histórias de forma a viabilizar o desenvolvimento nos aspectos afetivos, sociais e intelectuais das crianças.

A **contação de histórias** é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil. A escuta de histórias estimula a imaginação, desenvolve habilidades cognitivas e potencializa a linguagem infantil. O **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** já nos diz claramente a respeito dessa estratégia que: “A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por

meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura” (p.141).

Através da contação de histórias podemos instigar a criança a refletir, a fazer descobertas e a construir sua aprendizagem. Na sala de aula, principalmente durante esse período da ação pedagógica, a contação de histórias é direcionada aos livros que valorizam personagens negros. A criança ao ouvir histórias se transporta a um novo mundo; podendo experimentar outras formas de entender a realidade, favorecendo seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Os livros utilizados na contação de histórias e de atividades dirigidas são:

<b>Livro</b>	<b>Autor</b>
<b>Poá</b>	<b>Marcelo Moreira</b>
<b>Menina Bonita do Laço de Fita</b>	<b>Ana Maria Machado</b>
<b>Bruna e a Galinha D`Angola</b>	<b>Gercilga de Almeida</b>
<b>Meninas Negras e A África de Dona Bia ( Fábio Ferreira)</b>	<b>Madu Costa</b>

Os livros **Bruna e a Galinha da Angola** e **Meninas Negras** trazem a África. E a África virá em cores, animais e a natureza. E as crianças, sendo bem pequenas, gostam, e muito, dos animais e esses se tornam são elementos de interesse.

Além dos livros para a contação de Histórias teremos outros livros na caixa surpresa para que as crianças possam manipular e observar as imagens, tais como:

<b>Livro</b>	<b>Autor</b>
<b>Mãe Dinha</b>	<b>Maria do Carmo Galdino</b>
<b>Zoe e Bilu</b>	<b>Choloe e Mick</b>
<b>Capoeira</b>	<b>Sonia Rosa</b>
<b>Os reizinhos do Congo</b>	<b>Edimilson Almeida Pereira</b>
<b>Nina África</b>	<b>Lenice e Clayson Gomes</b>

<b>Lembranças do Baobá</b>	<b>Vanessa Alexandre</b>
<b>Obax</b>	<b>Andre Neves</b>
<b>O menino Marron</b>	<b>Ziraldo</b>
<b>O presente de Ossanha</b>	<b>Joel Rufino dos Santos</b>
<b>Bia na África</b>	<b>Ricardo Dreyer</b>
<b>Diversidade</b>	<b>Tatiana Belinky</b>
<b>Marimbondo do Quilombo</b>	<b>Heloisa Pires Lima</b>
<b>A ovelha Negra</b>	<b>Bernardo Albe</b>
<b>A Ovelhinha Negra</b>	<b>Editora vale das letras</b>
<b>Orelha de Limão</b>	<b>Katja Raider</b>
<b>Cheirinho de Neném</b>	<b>Patrícia Santana</b>

Teremos a caixa surpresa, que foi enfeitada/encapada com ajuda das crianças. Colamos as imagens de crianças, selecionadas anteriormente, de vários tipos estéticos. Dessa caixa aparecerá um (a) boneco (a) e falaremos de suas características físicas como a cor do cabelo, dos olhos e da pele. Boneco (**Mascote e Itinerante**) foi confeccionado para tornar a atividade mais próxima às crianças e às famílias, visto que ele irá “passear” na casa das crianças. Uma forma de socializar o projeto. Ele seguirá dentro de uma bolsa juntamente com a solicitação de um registro, livre, referente à visita. Cada criança contará para a turma como foi o passeio, relatando nome escolhido, cor da pele, dos olhos e do cabelo, etc.

Previamente trabalhamos a conscientização do cuidar, a importância e responsabilidade de levar o boneco para a sua casa. Foram feitos combinados do passeio do (a) boneco (a); cada criança “deverá” levá-lo na sexta-feira e trazê-lo no próximo dia de aula. A linguagem oral será bastante estimulada, pois desta maneira a criança pode expressar com tranquilidade seus desejos e medos, além de ser um fator que contribui muito para a socialização entre elas.

Este projeto além, de propiciar o fortalecimento de uma identidade positiva, poderá estimular a fala e a escuta em grupo de forma socializadora. A avaliação do projeto será feita baseada

na coleta as falas das crianças e das famílias. Na participação desde a saída até o retorno do boneco. Poderemos agregar novas metas; Estabelecendo novas estratégias frente às conquistas das crianças. Propiciando outros momentos e oportunidades de reconhecimento da identidade negra e valorização e auto-estima.

### 3.2.5 - Recursos Materiais Necessários:

Bonecos, DVD's do Kit a Cor da Cultura, livros literatura infantil, caixa de papelão para ser a caixa surpresa e confecção do “boneco (a) itinerante”.

### 3.2.6 - Cronograma de Trabalho

O processo de desenvolvimento do projeto ocorreu no segundo semestre de 2014.

<b>DATA</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>OBJETIVO</b>
15/08/14	Roda de conversa, busca de imagens, fotos de pessoas em revistas, principalmente de crianças.  Apresentação boneco (a).	-Verificar o conhecimento “prévio” das crianças; e o interesse ao tema;  -Introduzir de forma lúdica o tema de estudo “Consciência Negra”, conhecer e perceber a cultura afro presente em nossa sociedade;  -Oportunizar materiais pedagógicos que remetam a cultura africana para que as crianças contemplem, manipulem e possam internalizar como símbolo de pertença;
18 a 22	Construção da caixa surpresa, que será “nomeada” pela crianças; onde guardaremos os	-Identificar pessoas de várias etnias;  -Estimular o interesse pelo projeto, construindo com as crianças parte do

	livros, DVD's e bonecas (os) que serviram para desencadear o momento do projeto	material que será utilizado;  -Observar qual material, objeto, as crianças têm maior interesse;
25 a 29	-Selecionar as bonecas, variadas, que estão na escola, e principalmente na sala de aula; de forma que todos tenham um acesso fácil a elas;	-Observar o interesse das crianças; e o critério de escolha na hora da brincadeira com as bonecas;
01 a 05/09	<b>Início da contação de histórias: - “Livro Poá”</b>  Rodinha de conversas e leitura;  Fazer galinha utilizando a pintura da mão, na latinha para a festa da família.	-Explorar a diversidade em outras situações;  -Observar como as crianças reagem com a tinta escura em suas mãos; e como sentiram ao construir algo com o desenhos/impressão de suas mãos.
08 a 12	Retomar na rodinha de conversa o livro trabalhando na semana anterior;	-Estimular a memória e a linguagem oral;  -Desenvolver a criatividade;
15 a 19	<b>Livro: Menina Bonita do Laço de Fita</b>  Roda de conversas e leitura do livro; Assistir DVD “A cor da cultura”.	- Fortalecer as identidades negras e ou afro-descendentes.  -Promover a imaginação;  -Ampliar o vocabulário.
22 a 26	-Retomar os livros trabalhados;	-Estimular memória e linguagem oral.
29/09 a 03/10	<b>Livro: Bruna e a Galinha D`Angola</b>  -rodinha de conversas e leitura;  -Pintura no TNT, cada criança	-Promover a imaginação, criatividade, atenção, memória, percepção, sensação;  -Trabalhar a importância do brincar e

	<p>irá pintar o seu “panô.”</p> <p>-Faremos uma galinha D'angola de papel “marche” para exposição na finalização do projeto.</p> <p>-Assistir DVD “A cor da cultura”.</p>	<p>da amizade;</p> <p>-Conhecer a África e valorizar a cultura do país;</p> <p>-Fortalecer as identidades negras e ou afro descendentes;</p> <p>-Explorar coordenação motora;</p>
06 a 10	<p><b>Semana da criança</b></p> <p><b>FESTIVIDADES-</b></p> <p>Festa para as crianças e atividades diferenciadas da rotina “dia a dia”; salãozinho com enfeites de cabelos.</p>	<p>-Valorizar todos os tipos de cabelos; com penteado que a criança possa sentir-se bonita e bem, principalmente o estilo “afro”.</p> <p>-Fortalecer a identidades e auto estima das crianças;</p>
13 a 17	SEMANA DE RECESSO	
20 a 24	<p><b>Livro: Meninas Negras e A África de Dona Biá</b></p> <p>Rodinha de conversas e leitura;</p> <p>Levar 03 bonecas negras para ilustrar a história;</p> <p>Ouvir das crianças o que cada uma achou das personagens;</p> <p>Deixá-las brincar com as bonecas;</p>	<p>-Explorar a diversidade em outras situações;</p> <p>-Promover a imaginação, atenção e memória;</p> <p>-Fortalecer as identidades negras e ou afro-descendentes;</p> <p>-Trabalhar as cores e os animais; (leão, elefante, zebra, girafa e etc) e explorar a natureza como o sol, mar e ar.</p>
27 a 31	<p>- Durante a semana retomar na rodinha de conversa o livro trabalhando na semana anterior;</p>	<p>-Estimular a memória e a linguagem oral;</p> <p>-Promover a imaginação, criatividade.</p>

<p>02/ 11 a 14 /11</p>	<p>- No momento das rodinhas de conversa solicitar à cada crianças que conte/reconte ; comente a respeito do livro que mais gostou.</p> <p>-Organizar o que será mostrado na semana da consciência negra.</p>	<p>-Estimular a linguagem oral;</p> <p>-Verificar a apropriação que cada um fez do projeto até aqui;</p> <p>-Desenvolver as capacidades de atenção, memória, percepção.</p>
<p>17 a 21</p>	<p style="text-align: center;"><b>SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA</b></p> <p><b>Culminância:</b> expor os trabalhos feitos durante o projeto; fazer novamente o salãozinho “afro”.</p> <p>Passar o DVD do Kit a cor da Cultura com as histórias (Menina Bonita do Laço de fita e Bruna e a Galinha d’angola)</p>	<p>-Valorizar todos os tipos de cabelos; com penteado que a criança possa sentir-se bonita e bem, principalmente o estilo “afro”;</p> <p>-Fortalecer a identidades;</p> <p>-Promover a interação com as demais crianças da escola.</p> <p>-Trabalhar a importância do brincar e da amizade.</p>
<p>24 a 28</p>	<p style="text-align: center;"><b>FINALIZAÇÃO</b></p> <p>-mostrar as fotos dos momentos das atividades; Ler na rodinha de conversa o que os familiares descreveram quando o boneco (a) foi passear na casa de cada criança.</p> <p>-solicitar que as crianças falem dos momentos desse projeto.</p>	<p>-Desenvolver as capacidades de atenção, memória, percepção.</p> <p>-Estimular a linguagem oral;</p> <p>-valorizar e fortalecer as identidades negras e ou afrodescendentes;</p> <p>-Promover a interação;</p> <p>-Verificar a apropriação que cada um fez do projeto.</p>

### **3 - CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS PRÁTICAS:**

#### **3.1 - As Rodinhas na Educação Infantil**

A roda ou rodinha sempre foi, e continua sendo, um momento importante de aprendizagem; seja ela para cantar, conversar, contar histórias ou dançar. Com esse recurso organizamos as pessoas para que todos tenham a possibilidade de falar e ouvir; e todos se vêem, todos têm a oportunidade de interagir e socializar. Importância essa relatada no texto das **Orientações e Ações para a Educação das relações Étnico-Raciais**;

A roda ou rodinha, tão utilizada nas instituições de educação infantil e inserida nas rotinas das mesmas, possui um significado importante para as diversas culturas e também para a indígena e a africana. Na roda, é possível romper com as hierarquias, existe espaço para a fala, todos se vêem. E na roda que se conta história, novas brincadeiras são aprendidas, que soa feitos os combinados. Retomar a roda como princípio básico de organização, como maneira de aprender coletivamente já é um exercício cotidiano de busca de respeito à diversidade. (BRASIL: MEC/SECAD, 2006, p 166-167)

As crianças foram demonstrando muito interesse e curiosidade, tanto nas histórias quanto nas falas dos colegas. Um momento de grande euforia, onde a maioria queria falar ao mesmo tempo, principalmente para o momento de escolher o nome da criança que levaria o boneco para casa. Sorteamos através das fotos da turminha; colocamos todas em uma caixa e escolhia uma de olhos fechados. No início algumas choraram, mas foram apreendendo que todas iriam levá-lo.

Em um determinado dia no momento da rodinha de conversa a respeito da cor dos olhos, cabelos e pele uma criança negra não concordou que a pele dela seria “marrom”, disse que a pele dela é “amarela”. E o contrário também aconteceu, em outro dia; uma criança branca, de cabelos loiros não concordou que somente o seu cabelo seria “amarelo”. Ao se ver no espelho disse que seria amarelo, porém ao sentar na rodinha, com os colegas ao redor não concordou; voltou a dizer que não era “amarelo e sim marrom”, a cor dos seus cabelos e da pele também. Ele não queria ser o “diferente”. Maria Vera Candau afirma que: “Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõem à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice”. A criança não queria, naquele momento, ser o “desigual”.

FIGURA 05 a 07: Momentos de rodinha de conversa



FIGURA 08: Estante de bonecas da brinquedoteca



FIGURA 09e 10: Caixa confeccionada para o projeto



Fonte: fotos de arquivo pessoal

### 3.2- Rodinhas de Leitura - Contação de Histórias

#### Livro: Poá

Este livro foi escolhido pelo fato das crianças gostarem muito da galinha pintadinha e ao começar o projeto pretendi falar da diversidade com algo próximo do que as crianças já possuem como “referência”. E pelo fato de ter esse personagem, galinha d’angola, em um livro que seria contado posteriormente. As crianças adoraram a galinha, ainda mais quando disse que ela não fez “cocoricó” e sim algo parecido com “to fraco, to fraco”.

Uma criança percebeu logo que a galinha usava óculos, e ficou falando da professora que também usa; então começamos a conversar a respeito de quem na sala também usa algum outro recurso/aparelho e eles mesmos falaram do colega, uma criança da turma que usa óculos e de outra criança usa de aparelho auditivo. Foi um momento ‘da diversidade’; e percebi muito “respeito” pelos colegas. Todos queriam colocar os óculos da coleguinha. Sendo que antes nunca haviam feito tal solicitação (ver/ pegar ou colocar os óculos da colega).

Levei para a esse momento algumas galinhas “artesaniais”, de madeira e de papel, para que as crianças pudessem manusear e brincar; elas ficaram muito entusiasmadas.

E também foi um momento muito especial ao terminar a leitura e partimos para a atividade artística; ficaram encantadas ao fazermos, com a impressão da sua própria mão, uma galinha d’Angola. Fizemos como lembrancinha para a Festa da Família, em uma latinha de metal, a pintura da galinha D’angola. Por alguns dias só falavam da galinha d’Angola e a famosa galinha pintadinha ficou em segundo plano.

FIGURAS 11 e 12- Contação de História – POÁ



FIGURAS 13 e 14- Atividades relacionadas a galinha POÁ



Fonte: fotos de arquivo pessoal

### **Livro: A Menina Bonita do laço de fita**

A turma adorou a história; As crianças ficavam mostrando com o dedinho a menina e o coelho toda vez que apareciam nas páginas do livro. Ao recontar a história em outro dia, na rodinha, fizemos uma apresentação “teatral” com a boneca de pano que temos em sala e com os coelhos de pelúcia que temos na escola, vários tamanhos e cores, e todas as crianças queriam ter em seu colo os personagens.

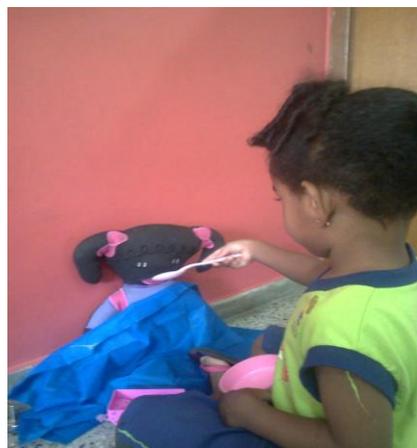
No dia do vídeo assistiram com muita atenção ao DVD do Kit a “Cor da Cultura”. Gostaram tanto que pediram para que fosse colocada mais de uma vez a história. E conversamos a respeito do desejo do coelho em ser negro. Nos momentos da roda de conversas os questionamentos foram feitos da seguinte forma: qual a cor da pele da menina, do coelho, o cabelo da menina / quem usa cabelo assim? É difícil fazer um penteado como esse?

E havia na sala algumas fotos que foram solicitadas para o mural da “festa da família” e foi possível comparar e verificar com que cada criança parecia. Assim como a menina na história cita a relação de parentesco, que se parecia com a sua avó, algumas crianças fizeram essa

correlação. Porém nem todas as crianças haviam levado as fotos solicitadas, mas todas queriam contar com quem elas se achavam parecidas como o pai, mãe e avós.

Durante a semana a boneca utilizada como a “menina bonita” da história foi bastante disputada para as brincadeiras de casinha, mas dentro do possível para a idade, entenderam que todos também teriam a oportunidade de brincar com a “Menina Bonita do Laço de Fita”. E as demais bonecas negras foram escolhidas e disputadas, aos poucos.

FIGURAS 15 e 16: Momentos da semana do livro Menina Bonita do Laço de Fita



Fonte: fotos de arquivo pessoal

### **Livro Bruna e a Menina D`Angola:**

Fomos construindo o momento de contação como algo especial para todas as crianças, mesmo aquelas mais “agitadas”, com muita energia, que não ficam por muito tempo nas rodinhas, conseguiram ouvir e falar no tempo “certo”. Preparei um “panô” citado na história, juntamente com uma galinha d’Angola de papel e a boneca de pano. Porém cometi um “erro” ao levar a mesma boneca da história da semana anterior logo as crianças fizeram a correlação com a Menina Bonita do laço de fita, e a boneca de pano logo passou a ser chamada de menina bonita Bruna. Já conheciam a galinha Poá, logo galinha d’angola ou a “coquem”.

Algumas crianças identificaram as cores, as formas e os personagens de forma bem clara e objetiva. Na parte da história em que encontram o tesouro, o baú, todas ficaram curiosas em

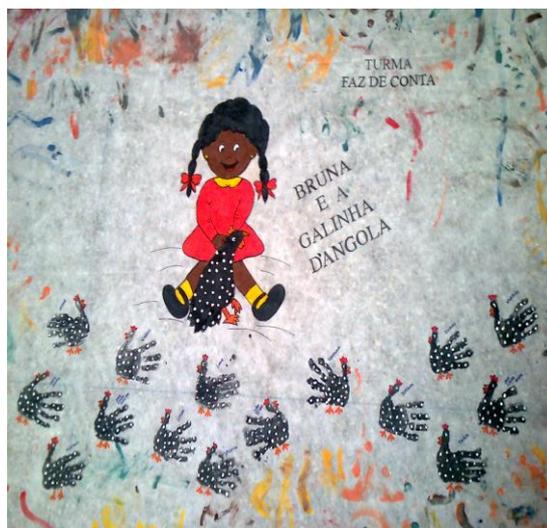
saber o teria dentro. Ao ver que seria o panô ficaram felizes e comentaram dos desenhos (pomba, galinha d'Angola e o lagarto).

Fizemos um grande panô com a pintura das crianças, e elas pediram para que tivessem a Bruna e também a galinha feita pela impressão de suas mãozinhas, assim como fizemos nas latinhas, então tivemos muitas galinhas D'Angola em nosso panô. Solicitaram assistir o DVD do Kit a Cor da Cultura mais de uma vez. Foi prazeroso ver o entusiasmo e interesse em criar o panô.

FIGURAS 17 e 18: Bruna e a galinha D'Angola do livro e DVD



FIGURAS 19 e 20: Atividades surgidas com o livro: Bruna e a galinha D'Angola



Fonte: fotos de arquivo pessoal

**Livro: Meninas Negras**  
**(e imagens do livro África de Dona Bia)**

Ao contar a história, Meninas Negras, fui mostrando as imagens, pois tínhamos vários desses livros na rodinha; as crianças já foram falando a respeito das cenas e cada uma queria comentar algo diferente. Separei os livros e pedi um pouco de calma. Repeti o nome de cada uma das meninas negras e fui contando, novamente, o que cada uma gostava mais. As crianças adoraram as cores e as imagens.

Pelo fato do livro citar a África separei um o outro livro: África de dona Bia, perguntei as crianças em qual outra historinha tínhamos uma vovó com lembranças da África e duas crianças falaram a respeito da “vovó da Bruna” e a galinha D’angola e seu panô.

Mostrei o livro e contei algo próximo ao que as imagens demonstravam não li propriamente o texto e sim contei que a vovó Biá estava relembrando da sua África, terra onde nasceu, e das belezas e riquezas daquele local.

Falamos dos animais mostrados nos livros, o que também despertou muito interesse das crianças, pois são animais que eles gostam, porém busquei falar de forma que não ficassem com a imagem de uma África “selvagem” e sim um local rico de histórias, cores e pessoas que podemos conhecer. Como nos diz Alberto Costa e Silva, estudioso da História e cultura da África:

(...) nos filmes, nas histórias em quadrinhos, nos seriados de TV e nos romances, a África é sempre um continente misterioso e mágico; Onde são possíveis todas as aventuras. A imagem que nos transmitem diariamente os jornais e os noticiários de rádio e televisão é outra: a de uma parte do mundo assolada por secas, fomes, epidemias, guerras e tiranos. Uma visão não desmente a outra, e ambas são incompletas. (SILVA, 2008, pg 11)

Quando falei da menina chamada Mariana as crianças logo associaram a filha de uma professora. Deixei o livro na rodinha de brincadeira e percebi uma criança “dançando” ao ver a imagem da Luanda. Algumas crianças falaram que a personagem do livro seria a colega da sala, expliquei que os nomes são parecidos e por coincidência, são parecidos, nome e a fisionomia. Luana ficou toda sorridente por ser comparada a personagem do livro; ficou com ele nas mãos por muito tempo, e passou a procurá-lo na “**caixa da gente**”.

Repetimos o nome de cada menina do livro. E todos queriam dar esses nomes às bonecas durante o dia. Percebi uma “aceitação” de todas as crianças ao comentar com quem as meninas se pareciam.

FIGURAS 21 e 22: Rodinhas de conversa e manuseio dos livros da “caixa da gente”



FIGURAS 23: A África e os bichos



FIGURAS 24: ...olha a coleguinha estudando, professora!



Fonte: fotos de arquivo pessoal

### 3.3 – SOCIALIZAÇÃO DO PROJETO COM A FAMÍLIA

#### Visita do Mascote, o boneco itinerante

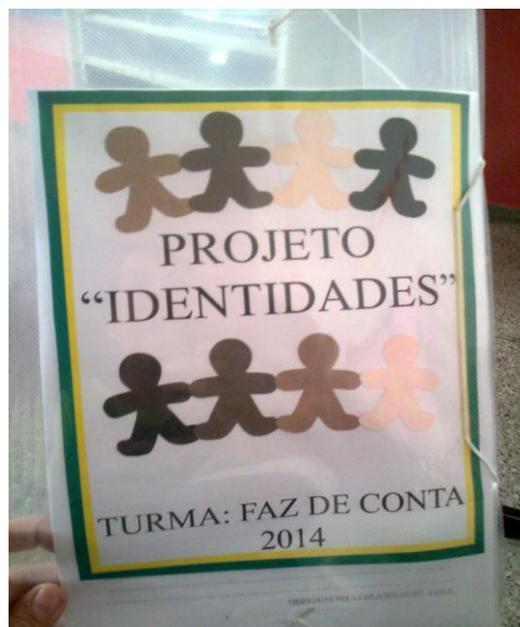
O (a) boneco (a) como estratégia para realização do projeto, juntamente com os livros proporcionou uma representação positiva, uma aproximação, um laço, uma identificação com as crianças, negras ou não.

O dia de escolher qual a criança levaria para casa a (o) boneca (o) tornou-se o mais esperado; aguardavam com ansiedade o sorteio, através de fotos, quem teria a oportunidade de passar o final de semana com ele, que ficou sendo mascote da turma.

E na segunda-feira ficavam na rodinha querendo escutar os detalhes da visita; qual o nome escolhido pelo colega, como foi o final de semana, se cuidou do (a) boneco (a) etc. A resposta foi muito positiva; as crianças e as famílias demonstraram muito interesse e empolgação com o boneco em casa. A maioria relatou momentos de alegria e encantamento.

O (a) boneco (a) foi feito em feltro marrom, num tom de pele mais próximo da maioria das crianças da sala. Porém, por várias vezes, as crianças conseguiram identificá-lo aos personagens negros dos livros. E nos registros, vindos de casa, a parte referente à cor da pele do boneco, muitos descreveram com moreno, marrom ou chocolate e houve apenas uma ficha com a palavra “negro”, já na cor dos olhos e cabelos descreveram como de cor “preto e marrom”; Ou seja, demonstra que as famílias também precisam conhecer e reconhecer a importância da identidade étnico-racial.

FIGURAS 25 e 26: Instrumentos de apoio para realização da intervenção pedagógica



Fonte: fotos de arquivo pessoal

FIGURAS 27 a 31: Alegria de levar a (o) boneca (o) para casa



Fonte: fotos de arquivo pessoal

Foi percebida uma mudança real das crianças em relação às bonecas negras, e uma confiança, principalmente das meninas negras, em relação a si mesmas. Uma valorização e uma melhor autoestima. Acredito também que as crianças irão construir suas identidades de forma positiva; com a participação da escola e de seus familiares; mas é um trabalho contínuo, que não se encerra por aqui.

FIGURAS 32 a 37: Uma mudança real



Fonte: fotos de arquivo pessoal

### 3.4 - Avaliando a Prática Pedagógica

A avaliação que faço é no sentido de uma reflexão sobre a minha trajetória na elaboração deste PLANO DE AÇÃO. Pela narrativa que construí busco ir mapeando o passo a passo deste plano descrevendo e analisando cada ação desenvolvida em sala de aula, tendo o objetivo geral e os objetivos específicos como parâmetros para a ação prática em sala de aula.

1- Contemplar o que referenda a Lei 10.639/03 na educação infantil é dicotômico: é simples e complexo ao mesmo tempo. Por serem crianças tão pequenas temos que trabalhar com a família também e isso requer muito “cuidado”; inserir a família e demais pessoas da comunidade escolar não é muito simples.

2- Desenvolvi o projeto, e as atividades referentes a ele, de forma produtiva. Mas é uma construção, ainda estamos caminhando para falar com seriedade e serenidade dos temas relacionados à diversidade, seja ela étnica, e de gênero.

3-Cabe a nós profissionais em educação, principalmente na educação infantil, continuar contribuindo de forma efetiva para que as dimensões e ou perspectivas da lei 10.639/03 aconteçam. Que as crianças, desde a primeira infância, tenham a possibilidade de construir e desenvolver suas identidades de forma positiva.

#### 4- REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Gercilda de. **Bruna e a Galinha D`angola**. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

CANDAU, Maria Vera. **Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios**. In CANDAU, Maria Vera (org). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

COSTA, Madu. **Meninas Negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. 24p. (coleção Griot Mirim; v.3)

FERREIRA, Fabio Gonçalves. **A África de dona Biá**- 2ed. Belo Horizonte: Cedic, 2012. 16 p': Il (Coleção Temas transversais)

FROEBEL, Friedrich: **O Pedagogo dos Jardins-de-Infância**, Alessandra Arce, 120 pgs., Ed. Vozes

KISHIMOTO, T. M. (apud Froebel). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ed. Ática, 2010. (Coleção Barquinho de Papel).

MOREIRA, Marcelo. **Poá**. Belo Horizonte: Editora Le.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004

SILVA, Natalino Neves da. **A diversidade cultural como princípio educativo**. *Padéia* revista do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências. Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade FUMEC. Belo Horizonte. Ano 8 n. 11p.13-29; JUL/DEZ. 2011.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro. Ediouro, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 4.ed.São Paulo: Martins Fontes,1991.

<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/formador-criancas-pequenas-422947.shtml> acesso em 05/09/2014